Projeto de Iniciação Científica submetido para avaliação no Edital: 4/2022

**Título do projeto:** Entre papéis e películas: imaginando novos mundos com Donna Haraway e Jack Halberstam

**Palavras-chave do projeto:** tecnologia; epistemologia; ficção

**Área do conhecimento do projeto:** Filosofia; Teoria queer

Sumário

[1 Resumo 2](#_heading=h.30j0zll)

[2 Introdução e Justificativa 2](#_heading=h.1fob9te)

[3 Objetivos](#_heading=h.3znysh7) 5

[4 Metodologia](#_heading=h.2et92p0) 6

5 [Cronograma de atividades](#_heading=h.3dy6vkm) 6

[Referências](#_heading=h.1t3h5sf) 7

# 1 Resumo

A pergunta que norteia essa pesquisa é sobre o lugar da ficção científica na teoria feminista queer. Para isso, farei uma comparação entre o uso que faz Donna Haraway da ficção científica no seu ensaio Manifesto ciborgue(1985/2009) e o uso que faz Jack Halberstam das animações na sua obra *Arte queer do fracasso* (2011/2020). Duas obras focadas nas ficções como potenciais fontes de saber para se imaginar novos mundos, separadas por quase 3 décadas, o Manifesto Ciborgue de Haraway e *A Arte Queer do Fracasso* de Halberstam, esmiúçam a fertilidade oriunda, respectivamente, dos livros de ficção e das animações infantis para se imaginar novos modos de produzir existência. Este projeto será desenvolvido vinculado ao Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia.

# 2 Introdução e Justificativa

A presente pesquisa tem como ponto central o lugar da ficção na teoria feminista queer, a qual parece prometer novas posssibilidades para viver os gêneros e sexualidades além da matriz heterosexual que naturaliza os corpos (BUTLER, 2018). A fim de investigar esse lugar, a pesquisa almeja fazer uma hermenêutica crítica do ensaio Manifesto Ciborgue de Donna Haraway publicado em 1985 (2009), e da obra *Arte Queer do Fracasso* de Jack Halberstam publicada em 2011 (2020), ambos nos Estados Unidos.

O Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, foi escrito por Donna J. Haraway, filósofa e bióloga norte-americana, nos anos 80. Trata-se de um ensaio que pretende construir um mito político crítico ao feminismo identitário que vinha sendo produzido na época. Através da figura do ciborgue como centro de sua ontologia, a autora reflete sobre a influência da ciência e novas tecnologias do século XX sobre as relações sociais. Haraway realiza uma investigação acerca do dualismo natural/artificial, tendo a figura do ciborgue como metáfora para essa nova era, onde a tensão entre organismo e máquina vêm se tornando cada vez mais evidente.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. (...) a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação (HARAWAY, 2009, p.37)

Para tanto, a autora utiliza os livros de ficção científica - principalmente aqueles escritos por mulheres - como fonte de conhecimento que possibilita imaginar outras realidades. Algumas autoras são citadas, entre elas Cherríe Moraga (1983) em *Loving in the war years*, que através de uma linguagem poética encontra em uma linguagem imaginativa, que mistura inglês e espanhol, uma saída para moldar sua própria identidade, das mulheres de cor denominadas chicanas que vivem na fronteira entre os EUA e o México, se tornando quimeras através de uma mutação linguística como meio de construir sua própria identidade. Ou em The ship who sang (1969) de Anne McCaffrey, que “explora a consciência de uma ciborgue, produto híbrido do cérebro de uma garota com uma complexa maquinaria, formado após o nascimento de uma criança seriamente incapacitada” (HARAWAY, 2009, p.92). Assim como as ficções de Samuel R. Delany que brincam com as histórias originais da civilização e papéis de gênero na reprodução da espécie, e Octavia Butler que explora a pauta ambiental e racial junto com viagens no tempo e holocaustos nucleares. Assim, ao fabular sobre as potencialidades presente nas ficções, Haraway encontra nelas sementes de mundos que poderiam germinar em outros tipos de existência.

Ao passo que Jack Halberstam, professor trans de estudos de gênero e de literatura, investiga com uma abordagem cômica a presença do fracasso como característica importante da arte queer. Na introdução de sua obra *Arte queer do fracasso*, o autor faz uma crítica ao dualismo alta/baixa teoria - termo adaptado de Stuart Hall (1992) - e explora alternativas aos impasses binários. Para o autor, o capitalismo é apenas uma parte da história, ou seja, vários grupos já se rebelaram contra ele buscando alternativas de subverter este sistema. Mesmo que não tenham obtido sucesso - no sentido de se tornarem dominantes- seus fracassos são importantes para nos apoiarmos. Outro recurso que também possui grande potência transformadora são os desenhos animados, os quais abriram portas para novas narrativas, um encontro entre o infantil e o queer, que oferece lógicas estranhas e anticapitalistas de agir e saber por meio de uma expressão realista mas não naturalista, mostrando que o humanismo não é nada mais do que uma ideologia. Aliás, para o autor, a infância é profundamente queer, na medida em que é marcada pela estranheza, humilhação e limitação, momento em que a heterossexualidade começa a ser construída, disciplinando estes corpos essencialmente anarquistas e rebeldes. Por isso, as animações são tão importantes, pois nelas as coisas são tão vivas quanto as pessoas, novos mundos são possíveis.

Estas animações que abordam questões que tratam de temas que jamais seriam tratados em filmes adultos, são denominadas pelo autor como pixarvolt – e.g. *A Fuga das galinhas[[1]](#footnote-0)*. Este gênero conecta animais a novos modos de ser, oferecendo alternativas de pensar sobre relacionamentos, reproduções, ideologias e subjetividades. Um ser humano como animação, não como animal, a identificação do público não é feita por recursos visuais, mas com tom de voz, expressões, ações, subvertendo a lógica de identificação que temos no cotidiano. Além destas características fortemente queers, uma relação humano/monstro é criada na animação *Monstros S.A.[[2]](#footnote-1)*, provocando uma reorganização da noção de família e interrompendo laços românticos mais convencionais, assim como na animação *Robôs[[3]](#footnote-2)*, em que a criança é criada a partir de peças novas e antigas, ou seja, de forma compartilhada, improvisada e não-natural. Em *Procurando o Nemo[[4]](#footnote-3)*, uma subversão dos afetos é criada quando Martin, Dory e Nemo constroem uma relação queer, em que não há uma família nuclear (pai-mãe-filho) ou romântica (Dory não surge como a “nova mãe” de Nemo), uma relação de coletividade e cooperatividade é criada, Dory ajuda Marlin sem visar receber nada em troca, Dory subverte totalmente o sistema capitalista hetero-cis-normativo.

Haraway acredita que a ficção científica é um instrumento para se pensar com e sobre o mundo, enquanto Halberstam tem como centro as animações infantis, ou seja, uma possibilidade de se pensar de modo mais materializado a imaginação. Utilizando a baixa teoria de Stuart Hall, Halberstam percebe que a partir da cultura popular é possível se pensar um conhecimento teórico, fora do cânone acadêmico e do tradicional conhecimento formalizado. O autor busca uma saída das formulações binárias e hegemônicas do mundo, a partir de um caminho pouco ortodoxo - com ênfase nas animações infantis, ao passo que filmes voltados para esse público não conseguem ser sustentados em conceitos como natural, dado ao fato que a infância é essencialmente queer e anarquista. As semelhanças entre ambas as abordagens são muitas, assim como as diferenças, por exemplo, ambos os pesquisadores dialogam com a tecnologia e a imaginação, todavia, Haraway direciona sua atenção para os livros enquanto Halberstam foca nos filmes Pretendo, então, entender melhor o porquê destas escolhas em ambas as metodologias.

Busco, portanto, uma saída para a realidade colonizadora que oprime a população discidente do sistema cis-heterossexual, ao compreender quais foram as estratégias que os autores e autoras tem utilizado para desafiar a matriz heterossexual, driblando seus mecanismos que oprimem os corpos limitando as possibilidades de perfomatividade de gênero e afetiva mediante seu disciplinamento. Quanto ao campo teórico, este estudo busca entender como a arte da ficção pode ser um campo fértil para construção de conhecimento através de outros tipos de saberes, no caso, os filmes de animação infantil e os livros de ficção científica. As possibilidades criadas a partir destas linguagens para se pensar novos mundos podem trazer resultados inusitados, a mistura entre diferentes campos dos saberes, como por exemplo, as práticas artísticas e reflexões teóricas, geram frutos incertos, conhecimentos que fogem do tradicional cânone acadêmico, na medida em que não seguem regras rígidas para sua criação, ao mesmo tempo que atinge uma maior quantidade de pessoas para além dos muros da universidade.

# 3 Objetivos

Objetivo geral:

Examinar o lugar da ficção na produção das teorias feministas queer

Objetivos específicos:

* Examinar o lugar da ficção científica na proposta da ontologia ciborgue de Donna Haraway
* Compreender o uso que faz Jack Halberstam das animações para sua reflexão sobre o fracasso na arte queer
* Evidenciar as contribuições e questionamentos recíprocos na utilização das ficções nos trabalhos de Donna Haraway e Jack Halberstam

# 4 Metodologia

A metodologia consiste basicamente em uma hermenêutica crítica dos textos Manifesto ciborgue(1985/2009) de Dona Haraway e *Arte queer do fracasso* (2011/2020) de Jack Halberstam. Para isso será necessária a revisão dos pressupostos teóricos de ambos textos assim como a visita dos filmes e textos de ficção com os quais Haraway e Halberstam trabalham. Reuniões periódicas com o professor orientador também auxiliarão na articulação dos conceitos para desenvolvimento da pesquisa. Os aprendizados da pesquisa serão compartilhados ademais com integrantes do Núcleo de Estudos de Gênero Esperança Garcia através da participação em seminários ou outras atividades do Núcleo

# 6 Cronograma de atividades

1. Período 1: Donna Haraway
   1. Análise mais apurada sobre o Manifesto Ciborgue
   2. Sistematizar o método de Haraway para interpretar os livros de ficção científica
2. Período 2: Jack Halberstam
   1. Análise mais apurada sobre A Arte Queer do Fracasso
   2. Sistematizar o método de Halberstam para interpretar os filmes de animação
   3. Escrita e revisão do relatório parcial
3. Período 3
   1. Comparação entre as obras com foco no lugar das ficções na produção de saber
   2. Escrita Final do Relatório
   3. Revisão e submissão do Relatório Final

tabela com atividades previstas

| Etapa | Mês | | | | | | | | | | | |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| 08 | 09 | 10 | 11 | 12 | 1 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 |
| 1.a. | X | X | X |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| 1.b. |  | X | X | X |  |  |  |  |  |  |  |  |
| 2.a. |  |  |  | X | X | X |  |  |  |  |  |  |
| 2.b. |  |  |  |  | X | X | X |  |  |  |  |  |
| 2.c. |  |  |  |  |  |  | x | x |  |  |  |  |
| 3.a. |  |  |  |  |  |  | X | X | X | X |  |  |
| 3.b. |  |  |  |  |  |  |  | X | X | X |  |  |
| 3.c. |  |  |  |  |  |  |  |  |  | X | X | X |

# 

# Referências

* HALBERSTAM, Jack. A arte queer do fracasso. Trad.: Bhuvi Libanio. Recife: CEPE, 2020.\_\_\_\_\_\_\_. Trans\*: a quick and quirky account of gender variability. Ockland: University of California Pressa, 2018.
* HARAWAY, Donna. “Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. Em: TADEU, Tomaz (org.). Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2009, pp. 34-118.

.

1. A Fuga das Galinhas. Direção: Peter Lord e Nick Park. Produção: David Sproxton, Peter Lord e Nick Park. Estados Unidos e Reino Unido: Dream Works Animation, 2000. [↑](#footnote-ref-0)
2. Monstrons S.A.. Direção: Pete Docter, David Silverman, Lee Unkrich. Produção: Darla K. Anderson e Kori Rae. Estados Unidos: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios, 2001. [↑](#footnote-ref-1)
3. Robôs. Direção: Chris Wedge. Produção: Jerry Davis, William Joyce e John C. Donkin. Estados Unidos: Blue Sky Studios e 20th Century Fox Animation, 2005. [↑](#footnote-ref-2)
4. Procurando Nemo. Direção: Andrew Stanton e Lee Unkrich. Produção: Graham Walters e Jinko Gotoh. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2003. [↑](#footnote-ref-3)